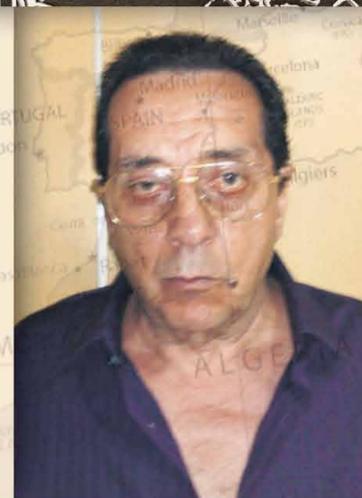


especial

Jornal do Commercio | Recife, 16 de janeiro de 2011 - domingo | www.jc.com.br

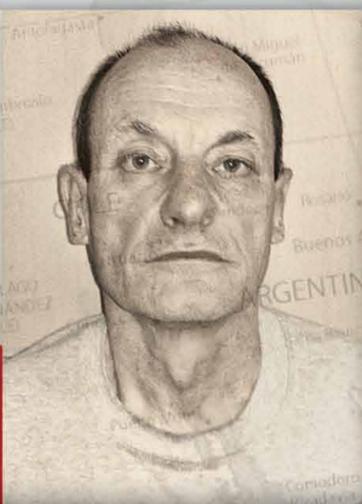


Thiago Neuenschwander e Wagner Sarmiento
tncavalcante@jc.com.br e wsarmiento@jc.com.br

Em dez anos, 129 presos. Mais de 370 quilos de cocaína apreendidos. Mercadoria avaliada em R\$ 85 milhões. Negócio milionário, evidencia que a rotina no Aeroporto Internacional do Recife/Guararapes-Gilberto Freyre virou mais que um vaivém de pessoas. A explosão do mercado consumidor de coca na Europa, iniciada uma década atrás, incluiu o Brasil como rota obrigatória de passagem da droga. Na esteira do processo, a Conexão Recife se firmou como chamariz das chamadas mulas, que, aos montes, saltam do terminal aéreo da capital pernambucana com pequenas quantidades de cocaína rumo ao Velho Continente. Nem todos completam o percurso. Alguns, brasileiros ou estrangeiros, ficam no meio do caminho, presos pela Polícia Federal (PF). Nada menos que 77 estrangeiros foram detidos, de 2001 a 2010, tentando fazer o trajeto. De Daniela, nascida na Bolívia, principal fonecedora da cocaína que entra no Brasil, a Nicolas, oriundo do maior mercado consumidor europeu, a Espanha. O **Jornal do Commercio** entrou nos presídios pernambucanos para conhecer este novo nicho que hoje compõe a população carcerária do Estado. Pessoas com histórias de vida singulares que, em situação vulnerável, deixaram-se seduzir por propostas tentadoras para atuar como mulas e jogaram fora famílias, empregos, sonhos e passados.

CONEXÃO

RECIFE





A SEDUÇÃO DO DINHEIRO FÁCIL

Uma proposta tentadora e espanhol que tinha vida confortável aceitou transportar 3,5 quilos de cocaína. “Caiu” no Recife, assim como outras 128 pessoas presas pela Polícia Federal em dez anos no aeroporto

Dia 13 de abril de 2009, Aeroporto Internacional do Recife/Guararapes-Gilberto Freyre. Alfonso Moreno Nicolas, 39 anos, espanhol natural de Madri, se preparava para embarcar. Passagem comprada para Lisboa. De lá, novo voo para Frankfurt, Alemanha. Na mala, quatro latas e oito sacos com cocaína. Em torno de 3,5 quilos da droga, que seria distribuída na Europa. A viagem de volta ao Velho Continente jamais aconteceu. Nicolas foi detido em fiscalização da Polícia Federal (PF). É uma das 129 pessoas presas pela PF na década, no terminal aéreo recifense, por tráfico internacional de cocaína. Mais que uma estatística, o espanhol é símbolo de uma transformação radical na rota do comércio mundial da droga. Até 1998, o Brasil não fazia parte do percurso do entorpecente. Hoje, é ponto obrigatório de passagem da coca que cruza o Atlântico.

Os números explicam a inclusão do Brasil. Até o início dos anos 2000, os Estados Unidos eram o principal consumidor do produto. De acordo com o relatório mundial de 2010 do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), os EUA receberam 267 toneladas de cocaína em 1998. À Europa, chegaram 63 toneladas. Em pouco mais de uma década, o mercado consumidor europeu aumentou 96,8%, enquanto o americano decresceu 61,8%. Atualmente, 165 toneladas de coca, em média, seguem todos os anos para os EUA e 124, para a Europa.

A matemática dos fornecedores seguiu a mesma tendência no período. A Colômbia, que vende sobretudo aos americanos, assistiu a uma queda de 58% nas áreas de cultivo. Peru e Bolívia, principais fontes da coca consumida na Europa, expandiram sua produção em 38% e 112%, respectivamente. Antes de chegar aos europeus, a cocaína entra no Brasil, de onde segue de navio, em pequenos aviões ou em voos comerciais através das chamadas mulas, pessoas contratadas por quadrilhas de narcotraficantes para transportar pequenas quantidades de droga por vez. Pernambuco, pela posição geográfica e por ter voo direto para a Europa, consolidou-se como rota alternativa aérea ao longo dos anos. “Claro que a cocaína sempre entrou no Brasil, mas ficava difícil visualizar o País num contexto internacional do tráfico. Com a mudança no mercado consumidor e nos locais de produção nos últimos dez anos, essa rota se estabeleceu e se intensificou aqui”, explica o diretor regional do UNODC para o Brasil e o Cone Sul, o dinamarquês Bo Mathiasen.

Alfonso Moreno Nicolas, mula pela primeira vez na vida, receberia € 8 mil pelo transporte da droga. Dinheiro desnecessário pela vida estável que levava em Madri. Jovem, solteiro, com quatro cursos técnicos, o espanhol era dono de uma empresa de instalação de ar-condicionado, sistema de calefação e encanamento. Tirava até € 20 mil por mês, tinha casa própria, carro, mas decidiu se aventurar. “Um amigo me fez a oferta. Eu não estava em dificuldade, nem precisava, mas não pensei no que poderia acontecer. Fui atrás do dinheiro fácil”, desabafa ele, preso na Penitenciária Professor Barreto Campelo, na Ilha de Itamaracá, no Grande Recife.

Condenado a nove anos de prisão por tráfico internacional, ele cumpre pena no pavilhão A. Espreme-se com 12 detentos numa cela com capacidade para três. Começou a trabalhar no serviço social da unidade prisional para ocupar o tempo. Mas a maior parte das horas é preenchida por lamentações. “Me arrependo muito de ter feito isso. Sinto falta de minha família. Não vejo a hora de voltar para minha vida de antes. Não tem dinheiro no mundo que me faça voltar a fazer isso.”

Amante do futebol, torce calado, sozinho, distante e sem notícias por seu Real Madrid. As idas ao estádio Santiago Bernabéu, templo do futebol espanhol, onde estava habituado a ver craques como Ronaldo, Zidane e Raúl, foram substituídas pelo campinho de terra batida da Barreto Campelo. Resta-lhe torcer pelo time do pavilhão no torneio dos detentos. “No último jogo em que fui para o estádio, o Real Madrid foi goleado pelo Barcelona. Não gosto nem de me lembrar”, brinca, para disfarçar a dor maior, aquela que nem um revés futebolístico é capaz de provocar. A vida confortável em Madri é só lembrança. Nicolas precisa fazer milagre com os R\$ 200 que recebe por mês do consulado da Espanha no Recife para comprar produtos de higiene pessoal e comida.

O madrilenho pegou a cocaína em Lima e fez escala em São Paulo antes de ser preso no Recife. Dados do UNODC revelam que o Peru é o segundo maior produtor de cocaína no mundo, sendo responsável por 38% da droga distribuída. A Bolívia vem em seguida, com

19%. A Colômbia, apesar da redução verificada nos últimos anos, ainda lidera o ranking, com 43%. Segundo a PF, mais de 80% da cocaína que chega ao Brasil entram pela fronteira com a Bolívia, mesmo aquela de procedência peruana. Uma fatia importante abastece o mercado consumidor brasileiro, que também cresceu na década e é o maior da América do Sul. Hoje, o País tem 900 mil usuários de cocaína, conforme estimativa do governo federal.

Bo Mathiasen diz que a droga que vem da Bolívia entra no Brasil por Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. “Os três Estados fazem fronteira com a Bolívia. A droga entra principalmente de avião e por via terrestre. Isso não quer dizer que a cocaína é sempre boliviana, mas que, pela extensa fronteira seca, ela passa pela Bolívia”, afirma. Em outra rota, o entorpecente é encaminhado ao Paraguai e adentra o Brasil por Foz do Iguaçu (PR). Mathiasen acrescenta que Amazonas e Acre recebem, sobretudo por via fluvial, a droga que chega do Peru e da Colômbia. “O acesso para a Bolívia é muito mais fácil. A fronteira com o Peru é floresta e com a Colômbia é selva e rio”, frisa.

Quando entra no País, a coca não obedece um percurso organizado. “A rede de distribuição é muito complexa. Não é só Rio e São Paulo. Uma parte abastece o mercado interno e a outra segue para a Europa ou para a África”, pondera, de Brasília, o dinamarquês.

Entre os 251.287 documentos confidenciais da diplomacia americana vazados pelo site WikiLeaks, dos quais 2.856 provenientes das representações diplomáticas dos EUA no Brasil, o tráfico internacional de drogas tem destaque. Texto de 19 de fevereiro do ano passado revela que, para o governo americano, o Brasil é peça central na rota mundial do narcotráfico. Na correspondência, o embaixador americano em Brasília, Thomas Shannon, também afirma que o Itamaraty demonstra preocupação “com a conexão entre o governo boliviano e os produtores de coca”.

A capital pernambucana se firmou como uma das principais rotas usadas pelas mulas. “O Recife tem relevância pois é uma das grandes cidades brasileiras, um importante polo turístico e tem voo direto para a Europa, no caso para Lisboa. Tudo isso facilita muito”, ressalta Mathiasen. Em dez anos, a PF apreendeu mais de 370 quilos de cocaína no aeroporto, prendendo 52 brasileiros e 77 estrangeiros de 29 nacionalidades diferentes. A UNODC estima que, para cada quilo apreendido, pelo menos 1,5 quilo passa. O ideal, para tornar a fiscalização mais eficiente, seria triplicar o efetivo atual da PF.

A cadeia sem grades em Madri

Angelita Nicolas Redondo, 60 anos, está presa. A saudade do filho, que não vê há quase dois anos, deixa a microempresária aprisionada ao pesadelo real em que se transformou sua vida. A cadeia de Angelita não tem grades. É feita de vazio. Sua cela é o telefone de casa, em Madri, ao qual se prende todos os dias, sem exceção, para falar com Alfonso Moreno Nicolas. O telefonema é um mantra entre mãe e filho. Às 18h no horário espanhol, Angelita liga para a Penitenciária Professor Barreto Campelo, em Itamaracá. No relógio pernambucano, 13h em ponto, Nicolas aguarda a ligação no serviço social. Nem um minuto a mais. A saudade nunca atrasa.

“Não tem um dia que eu não tenha telefonado para ele. Se não ligar, não durmo. Não posso viver sem falar com ele”, conta, do mesmo telefone no qual fala com Nicolas. “Não é meu filho quem está aí na prisão. Sou eu que estou. Eu estou morta por dentro. Jamais nasceu um filho tão bom como ele. Daria qualquer coisa para arrancá-lo daí. Ele é o que mais amo na vida”, desabafa, aos soluços.

O irmão de Nicolas sequer sabe que ele está preso. Angelita é a única pessoa para quem o detento não conseguiu mentir. “Primeiro, ele disse que estava de férias no Brasil. Não queria que eu me inteirasse para não me preocupar. Dois meses depois, ele confessou que foi preso, que o que fez não foi direito e que iria pagar pelo erro”, diz.

Angelita critica o fato de o filho não poder cumprir pena em seu país de origem, para que receba visitas de parentes. Dona de uma cafeteria, ela mantém contato com mães de outros cinco detentos espanhóis presos no Brasil e, juntas, prometem lutar pela causa.

“Penso que cada pessoa que comete um delito deve cumprir pena em seu país. Aqui na Espanha há muitos presos brasileiros. Aí no Brasil há muitos presos espanhóis. Eles podiam fazer uma troca. Tudo que eu queria era que meu filho estivesse aqui”, pondera.

Preso ao destino e às incertezas que ele reserva, Angelita prefere não pensar no futuro. “Penso que não vou ver mais meu filho, que já o perdi. Tem muito tempo ainda pela frente. Não sei se Deus me dará forças para aguentar.” Fim da entrevista. É hora de telefonar para Alfonso.



ALFONSO MORENO NICOLAS

País de origem **ESPANHA**
 Nascimento **5/7/1971**
 Estado civil **SOLTEIRO**
 Filhos **0**
 Profissão **TÉCNICO**
 Idade **39**
 Instrução **ENSINO MÉDIO**



× 3,5kg de cocaína escondidos em latas e sacos

Fotos: Polícia Federal



ESPAÑHOL
O madrilenho Alfonso Nicolas, na Barreto Campelo: “Me arrependo muito”



» A MUDANÇA DA ROTA

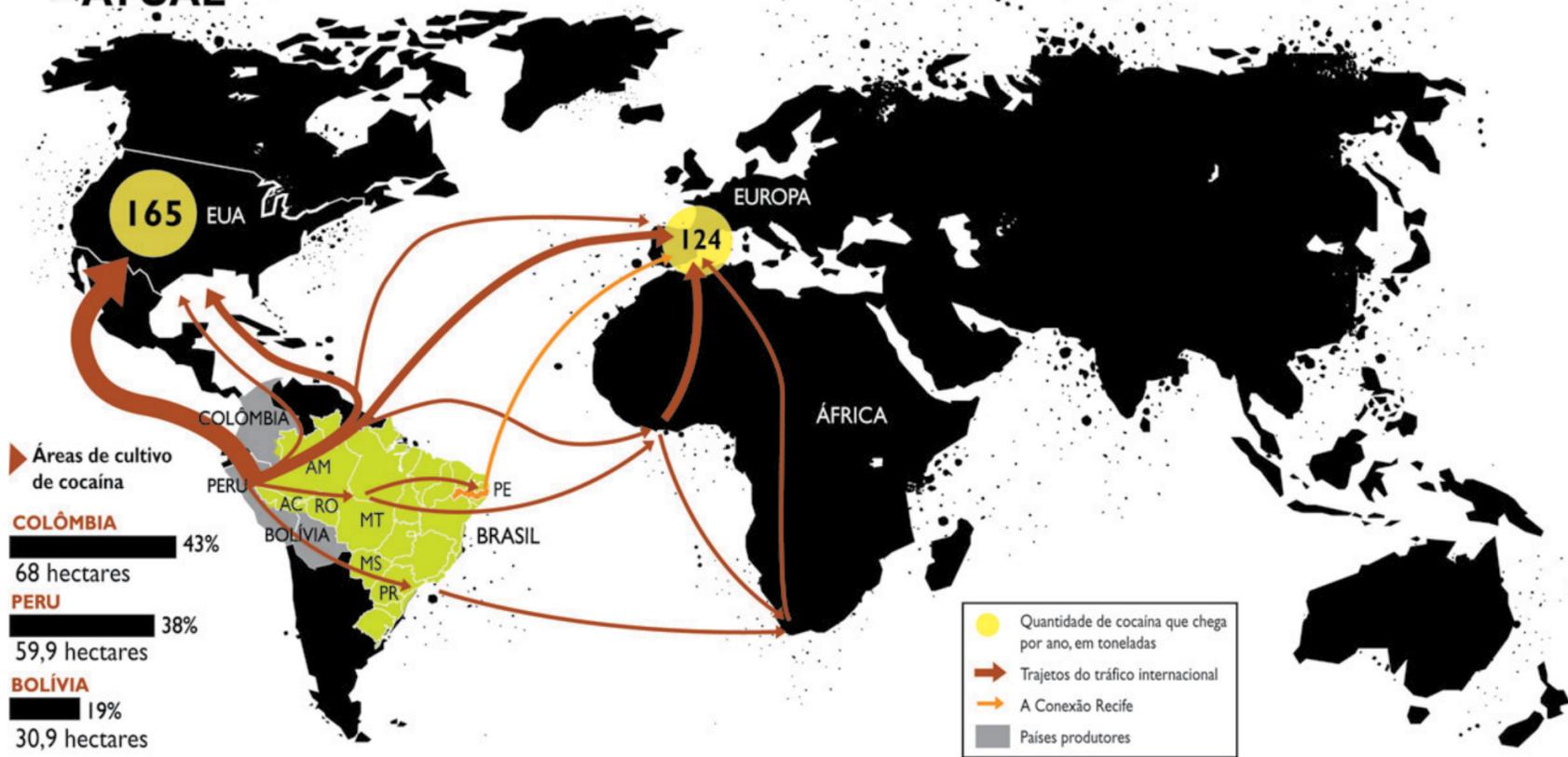
Em pouco mais de uma década, a rota do tráfico de cocaína enfrentou uma mudança significativa, que acabou por incluir o Brasil e Pernambuco em seu itinerário. Em 1998, os EUA recebiam cerca de 267 toneladas da droga por ano, enquanto à Europa chegavam apenas 63. Hoje, o Velho Continente recebe aproximadamente 124 toneladas, contra 165 dos EUA



SAIBA MAIS

- 129 mulas presas no Aeroporto do Recife de 2001 a 2010
- 77 estrangeiros
- 52 brasileiros
- 29 nacionalidades
- 370 quilos de cocaína apreendidos

» ATUAL



» APREENSÕES POR ANO NO AEROPORTO DO RECIFE (em quilos)



Natal, Salvador e Fortaleza são outras portas de saída da droga

O Recife não está sozinho no Nordeste como porta de saída da cocaína transportada por mulas para a Europa. Pela posição geográfica e por terem voos diretos para o exterior, as cidades de Natal, Salvador e Fortaleza figuram no mesmo cenário. Entre janeiro e novembro do ano passado, os aeroportos das quatro cidades registraram 9.462 pousos e decolagens internacionais, levando 818.144 pessoas, de acordo com a Infraero.

O que inclui essas quatro capitais nordestinas na rota do tráfico internacional de cocaína é que todas elas possuem pelo menos um voo direto para a Europa. Do Aeroporto Internacional do Recife, sai o voo comercial da empresa TAP, que faz o trajeto até Lisboa uma vez por dia, de terça-feira a domingo. A partir do próximo mês, a empresa espanhola Iberia ampliará este quadro, inaugurando uma conexão sem escalas com Madrid. Natal, Salvador e Fortaleza também têm conexão com Lisboa, além de trajetos para Amsterdã, Paris, Frankfurt, Madri e Milão.

O secretário de Defesa Social de Pernambuco, Wilson Damázio, enumera aspectos avaliados pela Polícia Federal (PF) para identificar possíveis mulas nesses aeroportos. "Não é só aquela velha questão do nervosismo dos passageiros, como é sempre divulgado em entrevistas coletivas. Existem indicativos e características que são observados. Verifica-se, por exemplo, se o pagamento da passagem aérea foi feito com dinheiro

ou cartão de crédito. Analisamos ainda a rota de ida e volta do passageiro, quanto tempo ele passou no Brasil, a roupa que veste, as malas que carrega", pontua o ex-superintendente da PF em Pernambuco (2002-2004) e ex-chefe do Serviço de Coordenação e Controle da Divisão de Repressão a Entorpecentes da PF em Brasília (1992-1995).

Na contínua reciclagem feita para reforçar o combate ao narcotráfico, a PF pernambucana passou a utilizar, desde maio do ano passado, o scanner corporal, que é capaz de identificar droga escondida em roupas, malas ou mesmo dentro do corpo de uma mula. A tecnologia é usada em países como Chile, Peru, Equador, Colômbia e Estados Unidos. "É uma ferramenta muito útil e é mais válida para casos em que a droga é engolida. Esse expediente era mais comum no começo da década. De vez em quando ainda prendemos alguém assim", afirma o delegado Carlo Marcus Correia, chefe da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE) da PF no Estado. Outros artifícios utilizados pelos agentes são o raio-X e o espectrômetro de massa, que decompõe o material analisado detalhando a composição química do produto, além de cães farejadores.

O receio das autoridades é que este novo nicho prisional reinceida futuramente. O secretário de Justiça e Cidadania do Rio Grande do Norte, Leonardo Arruda, pondera que, quando os estrangeiros ganham a liberdade, não recebem apoio para

retornar a seus países de origem. Acabam à mercê de novas aventuras criminosas. "No momento em que essas pessoas recebem benefícios e vão para o semiaberto ou para a condicional, ficam sem horizonte, pois não têm familiares aqui. Depois de soltos, sem apoio para voltar, eles acabam se tornando um perigo para o Estado brasileiro", diz.

VIA MARÍTIMA

Embora tenha se firmado como rota alternativa aérea do tráfico internacional de cocaína, Pernambuco não está livre de ser escala dos grandes carregamentos da droga. O delegado Carlo Marcus Correia ressaltou a vulnerabilidade do Porto de Suape, no Litoral Sul. "Pernambuco tem um porto sensível para o narcotráfico, que é o Porto de Suape, onde nunca houve prisões", afirma.

A situação não é diferente no Porto do Recife. A única apreensão no local ocorreu em 1996, quando o transporte de cocaína através das mulas ainda era raro no Brasil e a Colômbia reinava soberana na produção mundial. Policiais apreenderam 238 quilos da droga e prenderam um colombiano e um cabo-verdiano. A cocaína seguiria camuflada em meio a materiais de construção. Damázio, que chefiou aquela operação, salienta que é quase impossível descobrir droga em uma embarcação sem que haja um trabalho anterior de investigação. "Uma fiscalização de rotina não acha. Se você não tiver um trabalho de inteligência, dificilmente vai pegar, mesmo que use equipamentos modernos e cães farejadores. Um navio é muito grande", pondera. De acordo com o Centro de Análise de Operações Marítimas das Nações Unidas, o Brasil é responsável por 10% dos carregamentos de cocaína que chegam por via marítima à Europa. Em novembro do ano passado, os carabinieri, policiais militares italianos, apreenderam uma tonelada de cocaína em um contêiner no Porto de Gioia Tauro, na Calábria, sul da Itália. O carregamento estava avaliado em mais de € 100 milhões e era proveniente do Porto de Santos, em São Paulo. Foi a maior apreensão feita no país em 15 anos.



Da depressão na Bulgária para uma prisão em Pernambuco, a vida cinematográfica de campeão de fisiculturismo pego com quatro quilos de cocaína

O búlgaro Zlatko Zhekov Genev, 59 anos, parece ter saltado de um filme hollywoodiano. Drama, tragédia, doença, morte, amor, drogas, violência, prisão, há de tudo um pouco na história deste homem de aparência rude, frágil feito criança. Pentacampeão nacional de fisiculturismo, formado em filologia em Sófia e professor de inglês na república balcânica, Zlatko viu seu mundo desabar quando a mãe morreu. Portador de transtorno bipolar e usuário de remédios controlados, entrou em profunda depressão, da qual não conseguiu sair até hoje. O búlgaro sintetiza bem o que são, via de regra, as mulas na hierarquia do tráfico internacional de cocaína: pessoas sem antecedentes criminais e em situação vulnerável, utilizadas como peças descartáveis na engrenagem do crime.

Zlatko é outra das 129 mulas presas pela Polícia Federal (PF) no Aeroporto Internacional do Recife desde 2001. Hoje, o sistema penitenciário pernambucano conta com a presença de 26 soldados estrangeiros do tráfico, sendo 17 homens e nove mulheres. No Brasil, há mais de 5 mil pessoas presas por tráfico internacional, entre homens e mulheres, brasileiros e estrangeiros, segundo dados do Sistema Integrado de Informações Penitenciárias (Infopen), do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), órgão vinculado ao Ministério da Justiça.

A Secretaria Executiva de Ressocialização de Pernambuco (Seres) garante que os presos estrangeiros recebem o mesmo tratamento dispensado aos brasileiros. “Partimos do princípio da legalidade. Qualquer detento, independentemente da nacionalidade, receberá o tratamento que a Lei de Execução Penal preconiza. Não temos nenhuma norma além para dar tratamento diferenciado a ninguém”, afirma o secretário Humberto Vianna. No dia a dia, entretanto, a igualdade se dissipa. “A gente sabe que é diferente, principalmente para quem não fala português e espanhol, o que dificulta a comunicação com os outros detentos. Além disso, eles não têm visita, a maioria sente muita solidão”, admite Vianna.

A vida de Zlatko começou a sair dos eixos em 2007, quando sua mãe adoeceu. Para cuidar dela, o professor se viu obrigado a abandonar a escola onde lecionava. Depois que ela morreu, em 2008, ele entrou em desalinho. “Sofro de transtorno bipolar há 21 anos, mas minha doença piorou muito quando minha mãe morreu. Fiquei sem horizonte”, conta. “Todas as manhãs acordava depressivo, com pensamento de morte”, confidencia.

Encurralado pela depressão, viu no sonho antigo de conhecer o Brasil uma chance para se reerguer. Ledo engano. Foi em solo brasileiro que o calvário de Zlatko atingiu seu clímax. Em São Paulo, onde passou seis dias, foi contratado por desconhecidos para transportar uma mala. Um serviço de € 2,5 mil. Foi o preço da liberdade. Zlatko foi preso em 11 de março do ano passado com quatro quilos de cocaína no aeroporto recifense, quando tentava embarcar para Lisboa. A droga apreendida seguiria para Bruxelas, na Bélgica, país que apreende em torno de 4 toneladas de cocaína por ano, o sexto da Europa em apreensões. Preso pela primeira vez na vida, ele aguarda julgamento no Centro de Observação Criminológica e Triagem Professor Evarado Luna (Cotel), em Abreu e Lima, no Grande Recife.

O búlgaro é um enigma vivente. Suas costas estampam uma grande cruz com as letras AB, iniciais de Aryan Brotherhood (Irmandade Ariana), nome de uma gangue presente nas cadeias americanas, que representa em torno de 1% da população carcerária dos Estados Unidos, mas é responsável por mais de 25% dos homicídios que ocorrem nas prisões, de acordo com o FBI. O desenho traz ainda a inscrição “blood in, blood out” (sangue dentro, sangue fora). A AB, criada em 1964 e uma das dez gangues mais perigosas do mundo, é formada apenas por brancos e nasceu com o objetivo de manter o domínio ariano nos presídios, combatendo detentos negros, latinos e hispânicos. O grupo tem conotações racistas e alguns de seus membros tatuam suásticas. Zlatko nega envolvimento. Sabe o que a AB representa, mas explica que a tatuagem foi feita no Recife e só retrata o fato de ser presidiário.

Na cadeia, o homem pacato do Leste Europeu se tornou Papillon, nome de personagem interpretado por Steve McQueen em filme homônimo, de 1973, do qual Zlatko é fã declarado. Papillon virou tatuagem no braço esquerdo, virou modo de vida. O filme se passa na década de 1930 e narra a história de Papillon (borboleta, em francês), condenado à prisão perpétua por assassinato na França. Assim como o protagonista interpretado por McQueen, Zlatko jura inocência. Alega que as pessoas que o contrataram em São Paulo disseram que na mala estavam apenas documentos.

A vida imita mais a arte. Na prisão de segurança máxima na costa da Guiana Francesa, Papillon se torna amigo do inteligente e frágil Louis Dege, falsário interpretado pelo ator Dustin Hoffman, de quem vira protetor. No Cotel, Zlatko construiu relação idêntica com jovem empresário acusado de ser mandante de um homicídio. “Zlatko passou os dois primeiros meses aqui depressivo, sem falar com ninguém, mal saía da cela. Quando cheguei, a gente acabou criando uma relação, pelo fato de eu falar inglês”, afirma o amigo pernambucano, que optou pelo anonimato.

Boa parte do filme é passada em uma solitária da unidade prisional, para onde Papillon foi transferido como castigo por uma tentativa de fuga. Razões distintas, mesmo destino. Zlatko está na disciplina após se envolver em uma briga. Narrada entre lágrimas e atropelos, parece história de cinema. Excluído dos outros detentos pelo jeito introspectivo, pela depressão e por não falar português, o búlgaro afirma que teve roupas, calçados e R\$ 700 roubados dentro do presídio, além de um relógio dado pelos pais, única lembrança que guarda deles, relíquia de valor sentimental inestimável.

Em uma discussão na cozinha do Cotel com um desafeto, sacou duas facas. Qualquer enredo óbvio resultaria em um ataque desigual de um homem armado contra um desarmado. Mas, com Zlatko, a vida não anda em linha reta, roteiro imprevisível que é. O estrangeiro deu as facas ao inimigo e ordenou que ele o matasse. Talvez como forma de equilibrar o duelo entre o homem comum e o pentacampeão búlgaro de fisiculturismo, que, mesmo longe das competições oficiais há oito anos e à porta da terceira idade, treina duas horas por dia na academia de ginástica improvisada na cadeia — antes, quando competia, dedicava pelo menos seis horas diárias à musculação. Não houve tempo para saber quem venceria o confronto. Agentes penitenciários apartaram a briga. O europeu levou a culpa e foi colocado na disciplina.

Nenhuma esperança alimenta Zlatko em seus dias de prisão. Entre a incerteza e o desalento, ele aguarda o julgamento de seu caso. A liberdade, no entanto, não o atrai. “Não tenho mais vontade de viver”, condena-se. Morto por dentro, não faz planos, não tem sonhos, não quer recomeçar.

Fotos: Guga Maros/JC Imagem



MULHAS, SOLDADOS DO TRÁFICO



PAPILLON
Zlatko Genev na academia improvisada no Cotel. Tatuagem de gangue ariana, a qual nega pertencer

A incerteza que vem de Sófia

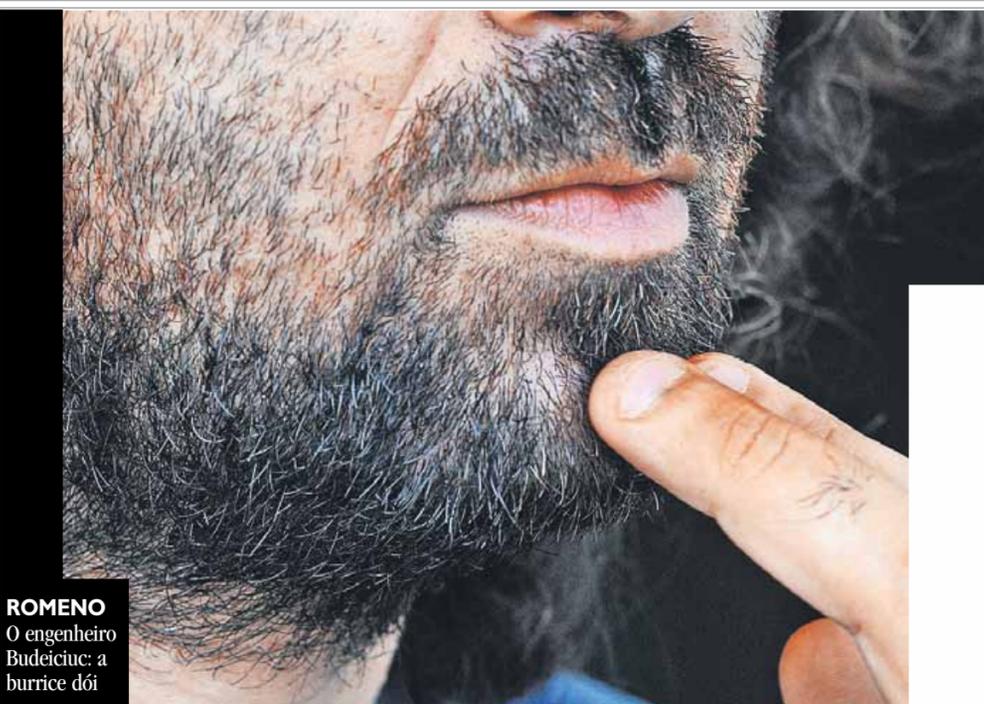
Em 311 dias, apenas um contato. Antes de se despedir da reportagem para voltar à escuridão da disciplina, Zlatko Zhekov Genev pediu que, se conseguíssemos falar com Suzana Stoianova, a quem se referiu como sua namorada, lhe dissessemos apenas que ele está bem. Ela é uma das poucas coisas que lhe restaram na vida. Encontramos a búlgara. Atenciosa, ela enviou um longo e-mail de Sófia falando sobre Zlatko. Imprimimos o bilhete e o levamos ao Cotel. O detento, pentacampeão búlgaro de fisiculturismo, pilhas de músculo, se desmanchou. Chorou feito menino.

“Nós não tivemos notícias dele por um longo tempo. Seu irmão e seu sobrinho não sabiam se ele estava vivo ou morto, porque ninguém dava qualquer informação. Nós só sabemos da prisão porque vimos pela internet a notícia. O mais difícil para todos aqui é que não sabemos o que ele sente e se precisa de alguma coisa”, escreveu Suzana.

No texto emocionado, ela omite o relacionamento amoroso com Zlatko. Refere-se a ele como ex-professor e amigo. Suzana foi aluna do búlgaro por cinco anos e, se-

gundo ele, namoram há dois. Namorados ou não, separados pelo tráfico, inegável é o carinho de Suzana ao falar de Zlatko, descrito como um profissional exemplar, atencioso e sempre disposto a ajudar a todos nas situações mais difíceis. “Ele é um grande ser humano, além de excelente professor e desportista. Sempre tratou as pessoas de forma amigável e com respeito. Não imagino como possa ter se envolvido nessa confusão”, conta.

Suzana acredita que alguém se aproveitou do momento difícil vivido por Zlatko, que perdera a mãe, para convencê-lo a transportar cocaína do Brasil para a Europa. “Ele foi ao Brasil porque era seu grande sonho e também para superar a depressão. Acho que de alguma forma foi enganado e acabou aceitando fazer isso. Pelo seu caráter e personalidade, jamais tentaria algo assim. Disso eu tenho plena certeza”, frisa. Apesar de não se comunicar com Zlatko, ela sempre envia dinheiro para aliviar um pouco o sofrimento dele. “Nós sabemos que as condições dos presídios brasileiros não são nada boas e isso nos incomoda bastante. Acreditamos que seja um ambiente hostil e muito desagradável para se conviver”, opina.



ROMENO
O engenheiro Budeiciuc: a burrice dói

NACIONALIDADES DOS PRESOS

- África do Sul
- Alemanha
- Argentina (2)
- Bolívia
- Bulgária
- Cabo Verde
- Espanha (8)
- Filipinas
- Grécia
- Guiné-Bissau
- Nigéria (2)
- Paraguai (2)
- Portugal
- República Dominicana
- Romênia

Fonte: Seis

Elite intelectual dos presídios

O romeno Sebastian Budeiciuc, 36 anos, é uma exceção na Penitenciária Professor Barreto Campelo, em Itamaracá. Pode-se dizer, sem exagero, que ele forma a elite intelectual do sistema prisional pernambucano. Somente 0,34% dos mais de 23 mil detentos do Estado têm ensino superior completo. Budeiciuc é um dos 79, segundo levantamento de 2010 do Sistema Integrado de Informações Penitenciárias (InfoPen).

Natural de Bucareste, formou-se em engenharia eletrônica e fala romeno, espanhol, português e inglês. Mas os tempos difíceis no Leste Europeu fizeram Budeiciuc se mudar em 2004 para a Espanha em busca de oportunidades. Nação comunista sob influência da União Soviética, a Romênia pós-Guerra Fria sofreu com uma base industrial obsoleta. As reformas econômicas não foram capazes de resolver as lacunas do país de 22 milhões de habitantes, que segue convivendo com o desemprego, a corrupção e o mau uso do dinheiro público. Em 2009, o PIB caiu 7,1% e o plano de austeridade acordado com o Fundo Monetário Internacional (FMI) tem provocado consequências negativas nos serviços públicos, como saúde e educação. "Meu país me desapontou, me deixou humilhado. A crise política e financeira não tem fim. Não tinha futu-

ro lá. Por isso, fui tentar a sorte em outro país", conta.

Na Espanha, o romeno morava em Roquetas del Mar, cidade litorânea paradisíaca situada na região da Andaluzia. Mas a situação não melhorou. Sem visto de residência, passou a viver na clandestinidade. Os bicos que arrumava não rendiam mais de € 1 mil. Pouco para o padrão de vida europeu. "Tinha qualificação, mas não podia trabalhar de carteira assinada. Aí fiz de tudo: agricultura, telemarketing, conserto de computadores", cita.

O último emprego, traficante. Mãe cardíaca e irmã grávida, aceitou o serviço de mula, pelo qual receberia € 7 mil. "Conheci uma pessoa em um locutório (cabine telefônica), enquanto telefonava, e ela me fez a oferta", revela. Foi a São Paulo buscar 3,2 quilos de cocaína, que deveriam ser levados de volta à Espanha. Acabou na cadeia, preso no Aeroporto Internacional do Recife, no dia 12 de outubro de 2008.

Na Barreto Campelo, Budeiciuc sente falta da família e tenta se acostumar a um ambiente onde 20% das pessoas são analfabetas (4.519 presos) e 72% não têm ensino médio completo (16.666). "É muita burrice junta. Teve um cara que perguntou uma vez: 'Você morava onde mesmo?'. Respondi: 'Espanha'. E ele retrucou: 'Ah, Espanha, fica perto do Paraguai'. Ai, isso dói", diverte-se.



SEBASTIAN BUDEICIUC

País de origem **ROMÊNIA**
 Nascimento **14/5/1974**
 Estado civil **SOLTEIRO**
 Filhos **0**
 Profissão **ENGENHEIRO ELETRÔNICO**
 Idade **36**
 Instrução **ENSINO SUPERIOR**



3,2kg cocaína escondidos em quatro palmilhas de sandálias e duas pastas



TANGO
Elvio Gallo, o argentino engajado que cuida da horta na Barreto Campelo



ELVIO MODESTO GALLO

País de origem **ARGENTINA**
 Nascimento **2/1/1947**
 Estado civil **VIÚVO**
 Filhos **4**
 Profissão **TORNEIRO MECÂNICO**
 Idade **63**
 Instrução **ENSINO MÉDIO**

Militância peronista encarcerada

A vida de Elvio Gallo, 63 anos, é um tango. Uma partitura de desenganos, história chorada. Argentino de nascença, tanguista por vocação, peronista por convicção política, traficante internacional de cocaína por destino. O homem de olhos da cor do mar, espírito revolucionário, bem afeiçoado e articulado foi arrematado como mula e aceitou a oferta pela falta de oportunidades em Buenos Aires. Torneiro mecânico, viu sua profissão sucumbir na modernidade. Não encontrava emprego de jeito nenhum e achou no tráfico chance rara de conseguir dinheiro. Receberia € 7,5 mil pelo trabalho. Entrou com 2,2 quilos de cocaína por Foz do Iguaçu, no Paraná, famosa rota. O produto seria levado para Barcelona, na Espanha, via Aeroporto Internacional do Recife. Ficou no meio do caminho. Desde 15 de dezembro de 2009, o velho militante político cumpre pena de quatro anos e um mês na Penitenciária Barreto Campelo, na Ilha de Itamaracá.

política", conta ele, pai de quatro filhos.

Acusado de subversivo e visto como ameaça à nação, Gallo foi torturado na cadeia durante a ditadura. Perdeu as contas das vezes que recebeu a "picana elétrica", método de tortura em que a vítima leva choques nos órgãos genitais, dentes e mucosas. "Esses tempos de ditadura foram muito difíceis. Companheiros meus foram assassinados. Muita gente foi perseguida, privada de sua liberdade. Nem sei como ainda estou vivo", espanta-se. Considerada a mais violenta da América do Sul, a ditadura argentina deixou em torno de 30 mil mortos ou desaparecidos.

Gallo militou até 2006 pelo Movimento de Trabalhadores Desempregados Aníbal Verón. O grupo leva o nome do motorista de ônibus da cidade de Salta, morto em 2000 durante protesto contra a empresa da qual fora demitido após sete meses de salários atrasados. Verón tornou-se um mártir para os desempregados, que fundaram o movimento piqueteiro. Longe dos piquetes, Gallo ocupa seu tempo trabalhando na horta da Barreto Campelo. "A gente procura sempre dar trabalho aos estrangeiros. Eles já não têm visita, não têm ninguém aqui. Pelo menos é uma forma de se ocupar", afirma a supervisora de laborterapia da Barreto Campelo, Ângela de Sá Leitão.

Dançarino de tango e hábil com as palavras, Gallo resiste em aceitar a própria fraqueza. Com a política entranhada nos poros, pontua uma gama de fatores para justificar seu erro. "Na Argentina, se diz que o homem propõe e Deus dispõe. Circunstâncias sociais, políticas e econômicas me levaram ao tráfico. Estamos em tempo de crise, de salve-se quem puder", defende-se. E assim, regado a nostalgia, o homem que sempre lutou pela liberdade se vê diante de um paradoxo, aprisionado dentro de si mesmo: "A liberdade é uma ilusão". E a vida, um tango.



2,2kg de cocaína em dois invólucros de plástico encobertos por papel carbono



Fotos: Polícia Federal

ZLATKO ZHEKOV GENEV

País de origem **BULGÁRIA**
 Nascimento **21/3/1951**
 Estado civil **DIVORCIADO**
 Filhos **1**
 Profissão **PROFESSOR**
 Idade **59**
 Instrução **ENSINO SUPERIOR**



4kg de cocaína escondidos em fundo falso da mala



TRAFICANTE, PROFISSÃO MULHER

Espanhola de 36 anos, poliglota e recém aprovada em concurso, sucumbiu com a crise econômica em seu país. É uma das nove presas estrangeiras por tráfico em Pernambuco

Aprovada em um concurso de perita judicial, estudante de artes gráficas em uma universidade de Barcelona, fluente em espanhol, catalão, português, inglês, francês e italiano. Esther Tapia Llorente, 36 anos, tinha todas as ferramentas para ter uma carreira brilhante e sem atropelos. Um detalhe, porém, não estava no script de sua caminhada e mudou o rumo de uma vida fadada ao sucesso. Em 2009, a Espanha foi sacudida pela crise econômica internacional. O Produto Interno Bruto (PIB) da oitava economia do mundo caiu 3,6%, provocando impactos sobre o mercado de trabalho e atingindo cerca de 4,6 milhões de pessoas. Esther estava entre elas. Trabalhando como contato publicitário junto a imobiliárias, viu as empresas cortarem gastos com propaganda. Dos € 10 mil que conseguia tirar por mês, passou a ganhar apenas € 600. Com três filhos e compromissos para honrar, precisou se virar com bicos esporádicos. Vendeu livros, trabalhou como garçomete. O desespero batendo à porta, fez o impensável.

Hoje, a espanhola integra uma triste estatística. Trabalhadoras, mães de famílias, donas de casa. Mulheres recrutadas para o tráfico internacional de entorpecentes que acabaram presas no Brasil. Em todo o País, são 587 que se encontram na cadeia, segundo aponta o Sistema Integrado de Informações Penitenciárias (InfoPen), do Departamento Penitenciário Nacional, órgão vinculado ao Ministério da Justiça (MJ). Em Pernambuco são 94. Nove delas estrangeiras.

No Estado, as forasteiras estão encarceradas nas Colônias Penais Femininas do Recife e de Abreu e Lima, na Região Metropolitana. Em suas fichas, um fato comum. Todas foram detidas tentando embarcar para a Europa com cocaína. Se entre os homens estrangeiros presos em Pernambuco, o índice de narcotraficantes alcança apenas 56,7%, chega aos 100% das mulheres. A catalã foi mais uma, detida em 5 de agosto de 2009 no Aeroporto Internacional do Recife, com 6,3 quilos do pó, que seriam distribuídos em Barcelona. Seu país natal é o maior mercado consumidor de cocaína da Europa, segundo o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC). De acordo com o último relatório da organização, a Espanha é também a primeira nação europeia e oitava do mundo em quantidade de cocaína apreendida — cerca de 28 toneladas.

Quase um ano e meio depois, a ibérica de olhos verdes, cabelos longos, louros e riso fácil, ainda tenta se acostumar com a vida atrás das grades. Ao olhar para o passado, diz que cometeu a maior estupidez de sua vida. “Iria assumir meu cargo como perita em janeiro de 2010, mas a situação ficou crítica. Não tinha mais de onde tirar dinheiro. Conheci algumas pessoas pela internet, que me propuseram buscar uma mala com documentos no Brasil para trazer até Barcelona. Disse que não podia abri-la, pois eram papéis de contabilidade confidenciais. Fui ingênua, mas aceitei porque quis. O erro foi meu”, reconhece ela, detida em Abreu e Lima.

De Calafell, pequeno município da província de Tar-

ragona, nas proximidades de Barcelona, a irmã, Ana Tapia Llorente, 28, diz acreditar na inocência de Esther. “Ela era uma pessoa que tinha trabalho, filhos e um futuro brilhante. Era uma irmã exemplar e ótima companheira. Acredito quando fala que foi enganada”, pondera, por telefone. Ana conta que o filho menor de Esther, de apenas 6 anos, sempre pergunta por ela. “Ele chora muito, pois não sabe por onde anda a mãe”, conta. Além do pequeno Izhan, a presidiária é mãe de Alejandro, 17, e Aldana, 14. “É muito triste ver minha sobrinha nesta situação. Ela está em uma idade em que precisa dos conselhos de mãe”, acrescenta Ana.

O mais velho não fala com Esther. Quando soube, através da internet, que a mãe havia se tornado traficante internacional de droga, Alejandro resolveu silenciar. Desde então, não se comunicou. “É uma dor terrível que preciso carregar comigo. No fundo, acredito que irei recuperar o amor do meu filho, mas isso é algo que só o tempo irá dizer”, pondera Esther. Alejandro e Aldana são filhos do mesmo pai, enquanto Izhan foi concebido em outro relacionamento. Os três vivem com os pais, dois argentinos que residem na Espanha.

TRANSFERÊNCIA

A única solução para aplacar a dor da família, segundo Ana Tapia, seria trazer a irmã de volta à Catalunha. “Gostaria que, pelo menos, ela pudesse cumprir a pena em Barcelona. Assim poderíamos saber como ela está, o que come, o que veste, o que faz. Seria bom pa-

ra ela, para os filhos e para todos que a querem bem”, enfatiza. Para que o trâmite seja efetuado, é necessário que exista um acordo firmado entre duas nações. Embora o Brasil possua tratado com a Espanha e outros 16 países, o processo não funciona na prática.

A Organização das Nações Unidas (ONU) tem insistido para que a transferência de prisioneiros estrangeiros para seus países de origem seja regra pelo mundo. A iniciativa tem cunho humanitário e visa aproximar o condenado de sua família e de seu ambiente social. No Brasil, contudo, o processo esbarra na burocracia e na ineficiência.

O próprio Ministério da Justiça reconhece não poder realizar a quantidade ideal de traslados. “O instituto responsável pela expulsão não se mostra suficientemente equipado para satisfazer a consciência dos direitos humanos, mesmo nos casos onde existe tratado”, admite a diretora do Departamento de Estrangeiros do Ministério da Justiça, Izaura Maria Soares Miranda.

Condenada a cinco anos de reclusão, Esther recorreu e conseguiu reduzir a pena para quatro anos e três meses. Com mais de metade do tempo por cumprir, a catalã tenta esquecer o tempo e vencer as barreiras culturais que encontrou na cadeia. “É muito difícil conversar sobre qualquer tema. Além de elas não entenderem bem o que eu falo, são pessoas que tiveram pouco estudo e oportunidades na vida. Se tento falar sobre qualquer coisa diferente, ficam sem saber do que se trata. Algumas dizem que sou louca. A doida espanhola”, se diverte Esther.

Fotos: Polícia Federal



**ESTHER
TAPIA
LLORENTE**

País de origem **ESPAÑA**
Nascimento **4/3/1974**
Estado civil **DIVORCIADA**
Filhos **3**
Profissão **AUTÔNOMA**
Idade **36**
Instrução **ENSINO MÉDIO**



6,3kg de cocaína estavam nas laterais e no fundo da mala

CULTURA

Esther, que adora ler, reclama da dificuldade de engatar uma conversa séria na prisão

Altas cifras estimulam recrutamento

A relação custo-benefício compensa a modalidade de tráfico internacional de cocaína baseada no recrutamento de mulas. Na Bolívia, Peru e Colômbia, centros produtores, o quilo da droga custa entre US\$ 3 mil (R\$ 5,1 mil) e US\$ 5 mil (R\$ 8,5 mil), de acordo com a Coordenação-Geral de Polícia de Repressão a Entorpecentes (CGPRE) da Polícia Federal (PF). No Nordeste do Brasil, o preço chega a R\$ 15 mil. Na Europa, consumidores pagam até € 100 mil (R\$ 230 mil). Tirando o “salário” pago à mula e os gastos com passagem e hospedagem, cada quilo de cocaína pode render quase R\$ 200 mil às quadrilhas. Uma mula consegue carregar até dez quilos de coca.

“É um modus operandi que vale a pena. As polícias apreendem metade da cocaína pura produzida no mun-

do, conforme estimativas. Do valor da compra ao valor da venda, o ganho é absurdo”, reconhece o coordenador-geral da CGPRE, Oslaim Santana. A capacidade mundial de produção por ano é de 900 toneladas. “É um mercado milionário”, frisa.

Segundo o diretor regional do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) para o Brasil e o Cone Sul, Bo Mathiasen, as gangues infiltram integrantes em ambientes públicos ou nas noites para identificar e abordar pessoas em situação vulnerável. “O recrutamento ocorre em vários lugares, sobretudo em festas. As gangues têm pessoas especializadas nisso, gente bonita, interessante, articulada, com poder de persuasão. Prometem muito, mas quando a mula é presa fica abandonada. O telefone que aquele contato lhe forneceu nunca funciona”, afirma. “É uma história muito triste. Na maioria dos casos, são pessoas ingênuas, que não sabem o risco que correm, que vão pelo dinheiro ou pela aventura. Os traficantes são cínicos. Usam as mulas para transportar quantidades pequenas e os enganam, dizendo que não há perigo. Infelizmente, é um expediente mais comum do que se imagina”, completa.

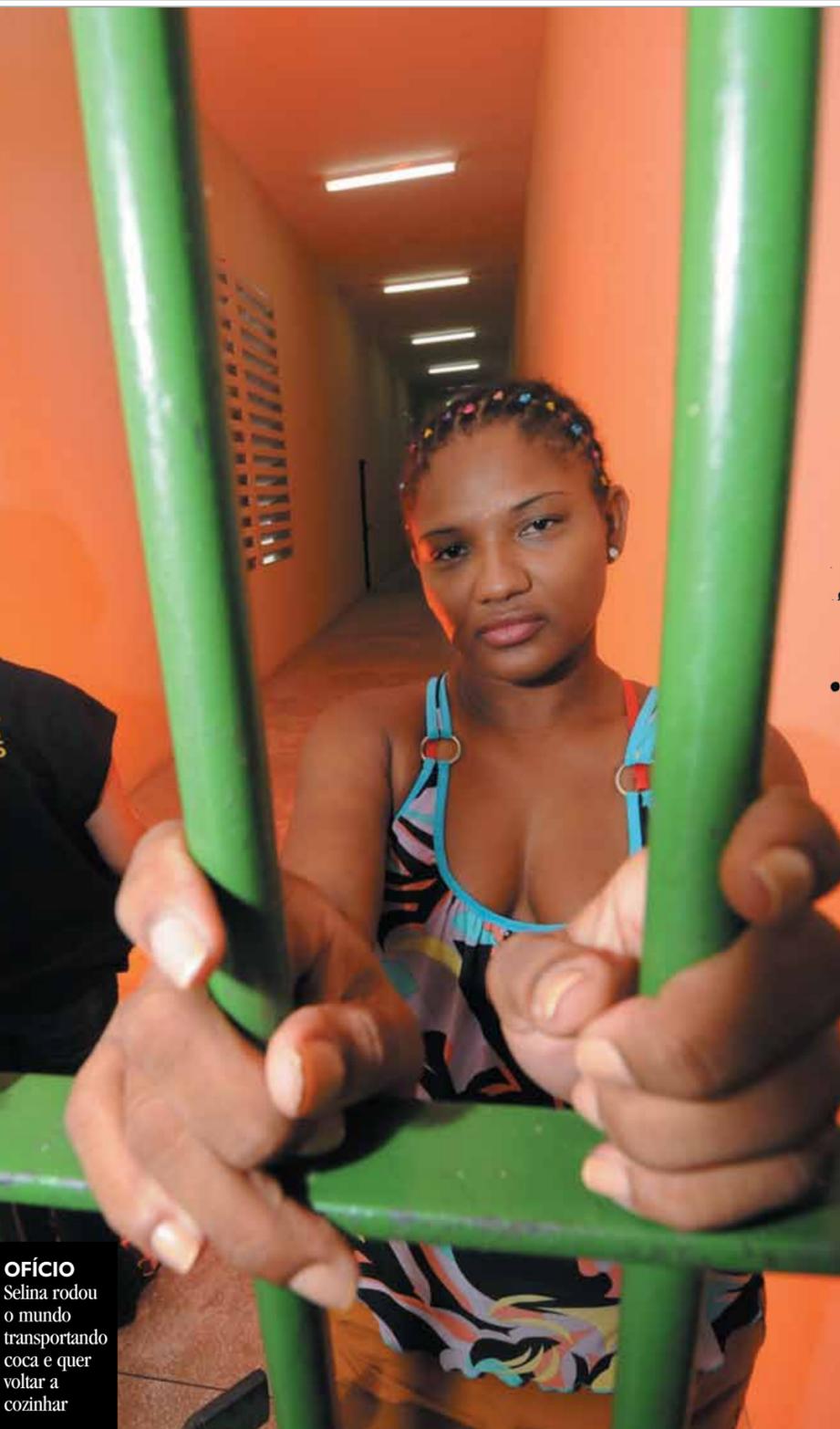
As mulas são a ponta do iceberg. Na hierarquia do tráfico, são criminosos descartáveis. Prendê-los é quase como

enxugar gelo. O golpe na quadrilha é mero desfalque financeiro. A estrutura do bando não é afetada. A cada dia, novos soldados são recrutados. A PF já registrou casos em que o recrutamento ocorreu após dois meses de negociação. Na maioria dos casos, as mulas são presas pela primeira vez. “As mulas são pessoas sem importância. Não são significativas no combate ao narcotráfico”, observa Mathiasen. A Polícia Judiciária (PJ), de Portugal, afirma que organizações criminosas alugam prédios inteiros para abrigar mulas.

PROCEDÊNCIA

A PF iniciou no ano passado o projeto Perfil Químico das Drogas (PeQui), segundo o qual é possível, mediante análise, determinar a origem da cocaína apreendida, os produtos utilizados em sua fabricação, as condições de transporte e até mesmo o grau de pureza. “O PeQui permite avaliar de forma técnica, científica, a procedência da droga”, explica Oslaim Santana. “Combinaremos isso com informações de inteligência, rotas mais comuns e informações repassadas pelos presos para identificar quadrilhas narcotraficantes e fornecedores”, completa. O projeto ainda está na fase de aquisição de equipamentos.





OFÍCIO
Selina rodou o mundo transportando coca e quer voltar a cozinhar

Exceção que comprova regra

A dominicana Maria Selina Perez Ledesma, 30 anos, foge ao perfil tradicional das mulas do tráfico internacional de cocaína. Diferentemente de quase todos as suas companheiras de cárcere, recrutadas pela primeira vez para transportar a droga entre o Brasil e a Europa, a centro-americana fez carreira no mundo do crime. Há 15 anos morando em Madri, chegou a trabalhar honestamente para viver. Por ironia, desenvolvia seus dotes culinários em um restaurante da polícia espanhola. Os € 1 mil que recebia pelo trabalho, contudo, não eram sufi-

cientes para satisfazê-la. Há oito anos, resolveu ganhar a vida de outra maneira. Passou a receber entre € 10 mil e € 20 mil, por viagem, para conhecer o mundo com o lucro fácil da venda de cocaína.

Selina nunca havia sido presa. Rodou por Alemanha, Inglaterra, Itália, França, Argentina, Colômbia, Ilhas Canárias. Onde houvesse um bom negócio estava ela. Em dezembro de 2008, recebeu mais uma incumbência dos traficantes. Encontrar dois colombianos em Manaus, para buscar 7,5 quilos de cocaína, que seriam posteriormente levados até Lisboa. Do Amazonas tomou um voo até Pernambuco, onde vive até hoje após ter sido presa pela Polícia Federal (PF) no Aeroporto Internacional do Recife. A droga encontrada na mala de Selina fora transformada em folhas de borracha. Um processo altamente profissional, segundo a PF. A apreensão foi a maior realizada no aeroporto naquele ano.

Há dois anos em sua nova morada, a Colônia Penal Feminina de Abreu e Lima, no Grande Recife, e com mais sete de pena para cumprir, a dominicana de personalidade forte e olhar insolente se queixa do ócio e da falta de dinheiro na prisão. "Trabalhei um ano e meio desempenhando bicicletas aqui no presídio. Ganhava R\$ 388, mas a fábrica fechou. Hoje, faço tranças nos cabelos das presas para ganhar algum dinheiro. Cobro R\$ 3 por penteado. Preciso me virar, já que não me deixam mais trabalhar", reclama, com ar petulante. Conforme agentes da unidade prisional, a detenta estaria impedida temporariamente de exercer funções remuneradas por não possuir documentos.

A queixa mais forte de Selina, entretanto, é não poder acompanhar o crescimento das filhas. "Tenho duas garotas, de 9 e 11 anos. Há quatro que não as vejo. Elas vivem com o pai, em Santo Domingo, de quem me separei porque fui agredida. Mesmo assim, com todos os problemas, ainda consigo falar com elas de vez em quando, mas a frequência está cada vez menor", lamenta. Com o lucro do tráfico, chegou a mandar dinheiro para familiares. "Ajudava todo mundo, principalmente meu pai e minha mãe. Eles jamais imaginaram que esse dinheiro saía da venda de cocaína", confidencia.

Mesmo sem enxergar a liberdade no horizonte, pensa no momento de retomar sua vida e uma antiga paixão interrompida pelo submundo das drogas: cozinhar. "Quero voltar para a Espanha. De repente ter meu próprio restaurante. Sou muito boa cozinheira. Faço arroz, bife e um feijãozinho de primeira", se gaba. Retomar a carreira criminosa é um passo fora de cogitação. "Não quero mais saber disso. É um dinheiro fácil, que vai e que vem. Entrei nessa através de pessoas que julgava amigas. Depois de tudo isso, só vou procurar quem realmente zela por mim", garante.



**MARIA
SELINA
PEREZ
LEDESMA**

País de origem **REPÚBLICA DOMINICANA**
Nascimento **28/11/1980**
Estado civil **SEPARADA**
Filhos **2**
Profissão **ASSISTENTE DE COZINHA**
Idade **30**
Instrução **ENSINO MÉDIO**



Simone empacota algodão na



**SIMONE DA
CONCEIÇÃO
MONTEIRO
FURTADO**

País de origem **CABO VERDE**
Nascimento **20/7/1978**
Estado civil **CASADA**
Filhos **3**
Profissão **DONA DE CASA**
Idade **32**
Instrução **ENSINO MÉDIO**



Entre a doce mentira e a amarga realidade

Certo dia, Simone da Conceição Monteiro Furtado, 32 anos, resolveu sair de casa e jamais retornou. Casada, dona de casa, mãe de três crianças de 5, 7 e 8 anos, levava uma vida confortável em Praia, capital de Cabo Verde, país insular africano encravado no meio do Oceano Atlântico. O mais próximo que chegou de trabalhar

foi ajudando uma tia em um salão de beleza da cidade. Cansou da vida simples e segura. Decidiu se aventurar. Sem medir as consequências, mentiu para o marido dizendo que iria passar um fim de semana com uma amiga em uma casa de veraneio em seu país. Na verdade, foi contratada como mula e viajou ao Brasil para pegar 1,1 quilo de cocaína. Uma semana depois de inventar a história, foi detida no Aeroporto Internacional do Recife, tentando embarcar para Lisboa com a droga escondida em uma máquina de costura.

A tal amiga de quem Simone falara, na verdade, era uma pessoa que já havia realizado o trajeto Brasil-Portugal para levar cocaína ao continente europeu. Seduzida pela ideia de dinheiro fácil, não pensou duas vezes em se arriscar, quando recebeu a proposta. "Essa amiga me convenceu a fazer isso. Disse que era só levar a

droga e receber os US\$ 2 mil de pagamento. Fui muito cabeça dura para entrar nessa. Sem dúvida, a maior burrice que fiz em minha vida", lamenta-se. A africana chegou ao País por São Paulo, onde recebeu o entorpecente. Da capital paulista, embarcou em um ônibus para o Nordeste, certa de que a capital pernambucana seria apenas uma escala em seu caminho de volta para casa.

Hoje, Simone cumpre pena de cinco anos e dez meses na Colônia Penal Feminina de Abreu e Lima. Da vida estável que levava na ex-colônia portuguesa, restaram apenas lembranças. Na cadeia, onde está há três anos, aprendeu a dura lição de ter que trabalhar honestamente para sustentar pequenos luxos, como um sabonete, um perfume, uma pasta de dente. A cabo-verdiana de poucas palavras, que só tem o primeiro grau completo,

empresta seus serviços à fábrica de algodão Brastex, parceira da Secretaria Executiva de Ressocialização (Seres). Passa o dia inteiro empacotando pequenos chumaços do produto em galpão improvisado nas dependências da unidade prisional. A cada três dias de trabalho, reduz a pena em um.

Simone aguarda o dia da liberdade sem saber se seu casamento resistirá à farsa que ela criou e ao longo tempo na cadeia. "Meu marido ficou muito espantado quando soube de tudo. Mesmo assim, ele não me abandonou. Nos falamos por telefone pelo menos uma vez por mês. É pouco, mas infelizmente é o que eu tenho hoje. Quero voltar para ao meu país para saber como vai ficar a minha vida. O que mais quero é voltar para ele e para meus filhos. Aqui na cadeia tudo é difícil. Até respirar", afirma.



OS DOIS LADOS

DA MOEDA

PM pernambucano de 36 anos que atua na fronteira com a Bolívia e boliviana de 24 presa no Recife: vidas que se cruzam no tráfico internacional de drogas

O pernambucano André Barbosa da Fonseca, 36 anos, e a boliviana Daniela Vaca Morales, 24, não se conhecem. Jamais se viram, sequer sabem da existência um do outro. Mais de 4 mil quilômetros separam os dois. Suas histórias, antagônicas, se cruzam no submundo do tráfico internacional de cocaína.

Ele, policial militar de Jaboatão dos Guararapes com 15 anos de serviço, casado, sem filhos, integrante da Força Nacional de Segurança Pública (FNSP), trabalha combatendo o narcotráfico na fronteira brasileira com a cidade de Guayaramerín, na Bolívia. Ela, natural da boliviana Santa Cruz de la Sierra, empregada doméstica, dois filhos pequenos, uma tia cardiopata, a necessidade de dinheiro, está presa na Colônia Penal Feminina de Abreu e Lima.

O sargento Fonseca é um dos 20 PMs de Pernambuco que atuam por um ano na Operação Sentinela, instituída pela Polícia Federal (PF) e pela Força Nacional para coibir o tráfico de drogas nos 17 mil quilômetros de fronteiras terrestres do Brasil. "Nossa finalidade é combater o tráfico através das fronteiras com a Bolívia. Mas, apesar de atuarmos tão próximos de lá, não temos autorização para atravessar. Existe uma portaria normativa informando sobre essa proibição", conta por e-mail o PM, que está no município fronteiriço de Guajará-Mirim, em Rondônia. A travessia até Guayaramerín só é possível quando há ações em parceria com a polícia boliviana.

Há exatamente um mês, Brasil e Bolívia fecharam um plano de ação conjunto de combate ao crime organizado na fronteira, que incluirá o uso de veículos aéreos não tripulados (vants) para o mapeamento do cultivo de coca e das rotas clandestinas de comercialização da droga. No ano passado, a força antidrogas boliviana prendeu mais de 3 mil pessoas por narcotráfico. Mais de 80% da produção da Bolívia vão para o Brasil, seja para o mercado interno ou para seguir para a Europa. Apenas 1% da coca vendida nos EUA é boliviana.

Fonseca passou por uma semana de treinamento em Brasília. "É a chamada semana zero, quando nos repassam a instrução de nivelamento de conhecimento e temos a oportunidade de interagir com policiais de todo o Brasil", afirma. O grupo recebe capacitação em primeiros-socorros, armamentos e munições, direitos humanos, patrulha, narcotráfico e uso progressivo da força.

A nova experiência mudou o foco de atuação do PM. No Recife, o objetivo era ajudar a reduzir os índices de crimes violentos letais intencionais (CVLIs), meta do Pacto pela Vida. Na fronteira, o inimigo é o comércio da droga. "Aqui é tranquilo quanto à incidência de homicídios, mas quando se fala em narcotráfico, principalmente pasta base de cocaína, a situação é muito crítica", compara.

Guayaramerín tem 40 mil habitantes e fica na margem esquerda do Rio Mamoré. A travessia de barco para a brasileira e homônima Guajará-Mirim leva apenas 5 minutos e é uma das principais rotas para fazer a cocaína entrar no Brasil. O ingresso também é feito por via terrestre e aérea. Pequenos aviões contendo droga voam baixo para evitar os radares da Força Aérea Brasileira (FAB). A densa vegetação do Vale do Guaporé dificulta o patrulhamento. São 3 mil quilômetros de fronteira seca entre os países.

Ele lá, ela cá. Mas em situação oposta. Daniela Vaca foi presa em um hotel de luxo em Boa Viagem, Zona Sul do Recife, em 3 de junho de 2007. A boliviana trouxe de seu país 5,2 quilos de cocaína. A droga seria entregue ao alemão Darwin Daniel Arteoga Schongut, que também acabou detido, e seguiria para a Europa. A própria mulher fez a pasta base. Tinha uma plantação em casa, o que é comum no país. A Bolívia, responsável por 19% do cultivo



VAIDADE
Daniela só anda produzida. Espera voltar com filho que teve na cadeia



Fotos: Polícia Federal

DANIELA VACA MORALES

País de origem **BOLÍVIA**
Nascimento **13/4/1986**
Estado civil **SOLTEIRA**
Filhos **2**
Profissão **DOMÉSTICA**
Idade **24**
Instrução **ENSINO MÉDIO**



5,2kg de cocaína camuflados nas laterais da bagagem

mundial de coca, sofreu aumento de 112% no plantio entre 2008 e 2009, o maior crescimento registrado entre os países produtores.

Daniela foi condenada a cinco anos e dez meses de prisão. Já cumpriu quase metade da pena. Presa quando estava grávida, teve o segundo filho dentro da cadeia. O filho mais velho, de 7 anos, está na Bolívia, com a mãe da detenta. Daniela não o vê desde que foi presa. O caçula, de 2, é criado pela mãe de uma ex-companheira de cela, uma estudante universitária detida por suspeita de tráfico. "Vejo ele de 15 em 15 dias, quando eles trazem aqui durante a visita. Está sendo muito bem tratado. Agradeço muito a essa família", afirma.

Mesmo nos dias difíceis de cadeia, a boliviana não deixa de lado a vaidade. Não importa se a vida social na penitenciária se resume a vaguear entre celas e banhos de sol. Não importa se não há festas, shoppings, jantares, encontros amorosos. Daniela, boa mulher que é, arruma-se para si mesma, sem ocasião. Foi só saber que seria fotografada que transformou a entrevista em book. Correu para pegar maquiagem. Era a festa daquele instante. "Sempre me produzo. Escovo os dentes, uso batom, me maquio, faço unhas, tiro a sobrancelha. Coisa de mulher", ressalta.

Daniela entrou no tráfico por dinheiro. Sua tia estava com um problema no coração e precisava fazer uma cirurgia. O caminho escolhido pela jovem para tentar bancar a operação foi vender cocaína. Arrependida, garante que não repetirá o erro. "Entrei porque não gosto de ver meus parentes precisando de nada. Minha tia tinha que se operar. Gostaria de cumprir a pena no meu país, mas está bom assim. Pelo menos não me sujo lá. O que estou passando aqui, de sofrimento e humilhação, não desejo para meu pior inimigo. Mas vai passar. Só penso em chegar em casa", observa. "Vou trabalhar em qualquer coisa, menos de prostituta e traficante", enfatiza. Ela lá, ele cá.

» A FRONTEIRA

5 minutos é o tempo da travessia de barco entre as cidades de Guajará-Mirim, no Brasil, e Guayaramerín, na Bolívia

3 mil quilômetros é a extensão da fronteira terrestre entre Brasil e Bolívia

80% da cocaína produzida na Bolívia vão para o Brasil



REPRESSÃO
Fonseca em Guajará-Mirim (Rondônia), durante incineração de cocaína apreendida



Arquivo pessoal